

Sindicatos unidos jamais serão vencidos! (III)

por Editores do Boletim

[Boletim Informativo nº 55, março 2020, Perfil Sindical]

As Oficinas Temáticas do Fórum Intersindical (25/10 e 29/11/2019) trouxeram a voz dos trabalhadores e trabalhadoras sobre o que se passa no Brasil de hoje, em que os direitos vêm sendo atacados e, nesse cruel ataque, os sindicatos de trabalhadores são uma espécie de cobaias da crueldade em termos de retirada de direitos dos trabalhadores. Nesse espaço, durante algumas edições do Boletim, trazemos as falas sintetizadas de todos os dirigentes sindicais que participaram das Oficinas. A 1ª mesa (25/10/19) foi coordenada por Hermano Castro, diretor da ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca], com a participação de Paulo Henrique (Sindicomercio); Gilberto Leal (Sindibancários); Olímpio (Sind. Asseo e Conservação); Luiz Antonio (Sinttel); Jesus (Sindimetal) e Sandro (Sindsaúde).

Nesta edição, sintetizamos a fala de Jesus e de Olímpio.

Jesus abordou os problemas dos trabalhadores na atualidade, desde o cansaço e a falta de mobilização à rápida transformação do mundo do trabalho, com a substituição de trabalhadores por máquinas e a perversa ‘formulação’ de trabalhadores-empregadores que prestam serviços ao sistema. Jesus fala da educação, destacando o vazio do atual governo frente à matéria. Sobre a retirada do “imposto sindical”, assinala que “quanto mais crise, maior a importância dos sindicatos para intermediar negociações com os patrões. Talvez este não fosse um modelo ideal, mas a luta dos trabalhadores aplaudiu esta conquista por ser um dia só de salário, que agora tornou-se um dia de sangue para os patrões fazerem o que querem.” Observa que “muitos de nós” sindicalistas, das centrais sindicais “sentimo-nos no último baile do Império”. Quanto à conjuntura partidária, Jesus assinala: “precisamos nos apropriar das críticas que foram feitas ao nosso recente governo de esquerda e aprimorar.” Observou que o desmonte não cessou. Propostas de ter um sindicato por empresa e acabar com a estabilidade dos sindicalistas no emprego estão para acontecer. E que os trabalhadores precisam agir rápido, pois as leis que retiram direitos passam a jato. A reforma da previdência passou em oito meses. Pode ser que estas propostas não passem totalmente, mas passa 60-70% pois os trabalhadores e professores estão saturados. “Guedes já acabou com a proposta de capitalização da previdência porque no Chile, cujo modelo econômico lhe serve de guia, não está dando certo. ... os trabalhadores estão em dificuldades, os aposentados de lá ganham o equivalente a R\$ 700,00. ... No Chile, a escola é particular, a saúde é particular... No Brasil mesmo com déficit de 4 trilhões, temos o SUS que está sucateado, mas ainda se consegue atendimento, escolas públicas na maior parte das localidades (mesmo que precarizadas), com alunos que ainda vencem olimpíadas de matemática com incentivo de apenas 100 reais (em risco de ser retirado).” Jesus também abordou o impacto da indústria 4.0, do emprego do futuro, destacando que os robôs estão tomando os ‘postos de trabalho’. “Tem carro que anda sozinho, no setor naval da Coreia do Sul tem um monte de máquina trabalhando sozinha, tem professor robzinho. Como enfrentar isso? Previsão americana é de que 60% das profissões de hoje acabem até 2029. Na Califórnia, já se emite boletim de ocorrência através de sistema virtual, não precisa de advogado nem policial. Precisamos debater sobre como isso virá para nós. ... Como proteger os trabalhadores-empregadores de hoje?”



Foto: Marcel Caldas

Compara o Chile (PIB 20 mil dólares) ao Brasil (13 mil), ressaltando que aqui “não há convulsão social porque o Lula, com o Bolsa Família acabou evitando, pois os 200 reais ‘garantem’ a sobrevivência”. “O Estado foi criado para proteger os mais necessitados, não foi feito para as elites que se apossaram disso aqui.” Remete à alternância no poder, direita e esquerda, e à importância das mudanças, “inclusive nos sindicatos, porque acaba se corrompendo também. A gente tem que fiscalizar, evitando corrupção ... (saúde, educação, sindicatos) porque a população está cansada da corrupção. É isto que precisamos fazer para trazer a população de volta para o nosso lado.” Finaliza: “Temos que pensar na sociedade porque a sociedade está acima dos sindicatos, é maior do que qualquer instituição, é proteção do ser humano. O ser humano prevalece sobre qualquer argumentação.”

Olímpio expressa sua sensação de luta em vão e de desesperança, pessimismo, após anos de militância pela saúde. Lembra que as OSS [Organizações Sociais de Saúde] entraram e que as Conferências [Municipal, Estadual, Nacional] não puderam impedir. Lutou-se muito, houve participação, muito movimento, “ninguém resolve nada” “e o trabalhador como sempre metendo o pau no sindicato. Sindicato que faz, sindicato que ajuda, orienta, previdência, arruma benefício, arruma tudo...” “A politicagem sempre existiu [...] Tem presidente de sindicato por 30-40 anos. [...] acha que a entidade é dele. Um apoia Bolsonaro, outro apoia Lula, cada um quer sua fatia no bolo. Sobra p’ra quem, pro trabalhador que está aí, o trabalhador está sofrendo. Por que? Esta divisão das centrais.” Insiste na importância da união das centrais sindicais para encontrar caminhos e atrair os trabalhadores “arredios”. “Bolsonaro está mudando as leis todas. Divisão não adianta nada. [...] mais de vinte centrais, seis ou oito mais atuantes. Deveria ter duas, no máximo três. Esquerda, direita, centro, já resolveu. Ou uma só. Tem lugar aí que tem uma central. Empresas que não pagam, OSS que não pagam. A gente tem que se organizar, ir p’ra rua.” “É muito bonito Flamengo ganhar o título, Maracanã cheio. Maracanã, todo mundo vai, paga 80, 100, 400, 600 reais de ingresso. Isso mostra que o pessoal está bem, pagando 600 reais de ingresso. Tem que mudar a mentalidade [...] na área sindical, na área política. Tá o Bolsonaro, 25 anos na política e não fez nada. Primeiro o golpe, ninguém fez nada, ninguém foi p’ra rua. Lula é santinho? Ninguém é santinho, todo mundo tem problemas, erros... A gente vai ter que botar o bloco na rua para poder ter resultado.”

■ ■ ■

Veja as apresentações completas em
nosso canal [youtube!](#)

Fórum Intersindical - Se conseguirem acabar com tudo sobrarão os trabalhadores p’ra começar de novo.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.